

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Petra Moura Nogueira

**A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE AGOSTINHO NA COMPREENSÃO ESPÍRITA SOBRE  
A MORTE.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Humberto Araujo Quaglio de Souza

Juiz de Fora  
2019

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Petra Moura Nogueira, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201373242A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE AGOSTINHO NA COMPREENSÃO ESPÍRITA SOBRE A MORTE**, desenvolvido durante o período de 11 de março de 2019 a 8 de julho de 2019 sob a orientação de Humberto Araujo Quaglio de Souza, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Petra Moura Nogueira**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE AGOSTINHO NA COMPREENSÃO ESPÍRITA SOBRE A MORTE.

Petra Moura Nogueira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho busca traçar uma linha histórica / cronológica da transformação de um homem cético num dos religiosos mais influentes de todos os tempos: Santo Agostinho. Como a trajetória de vida de um homem, cujo exemplo reflete nos pensamentos e atitudes da humanidade até os dias atuais, pode ser transformada a partir de episódios corriqueiros, a ponto de ele ser considerado, além de Santo, um filósofo e precursor da visão espírita sobre a morte? Pretendemos mostrar que essa transformação sofrida por Agostinho foi precursora de um pensamento renovador sobre a vida e a morte tanto em âmbito religioso quanto filosófico. Buscaremos desenvolver o tema através da descrição da vida de Agostinho e de outras personagens próximas através de pesquisa em bibliografia específica sobre sua vida e obra, bem como sobre os preceitos espíritas (pentateuco espírita). Esperamos, como resultado principal deste trabalho, mostrar a trajetória de vida que transformou o cético em Santo e ressignificou a morte perante os olhos da humanidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Santo Agostinho. Ceticismo. Maniqueísmo. Morte. Espiritismo.

## 1. INTRODUÇÃO

Agostinho de Hipona nasceu em Tagaste em 13 de novembro do ano 354. Mônica, sua mãe, foi uma cristã fervorosa, que dedicava sua vida a tentar educar o filho segundo os preceitos da sua fé. Tolerava a infidelidade e ignorância de seu marido Patrício sem se queixar, exemplificando, dessa forma, valores que ela considerava essenciais como a obediência ao marido e ao sacramento do matrimônio, bem como o reconhecimento de seu papel dentro da sociedade com as normas vigentes daquela época.

Monica de Hipona, ou Santa Monica, rezava e chorava pelo filho todos os dias. Rezava para que seu filho pagão se encontrasse com a Igreja e se fizesse fiel ao amor de Cristo. Através da leitura do livro *Confissões* (2012) percebemos o esforço de sua abnegada mãe na tentativa de encaminhá-lo para a Igreja, e sua enorme felicidade quando Agostinho finalmente foi batizado.

O pai de Agostinho, Patrício, era pagão até ser batizado em seu leito de morte. Ele era proprietário de muitas terras, o que explica a origem abastada do futuro Santo da Igreja Católica.

Agostinho iniciou seus estudos ainda em Tagaste, no período de 361 a 365. Coursou seu ensino médio em Madoura, de 365 a 369, onde começou a ter êxitos como aluno. Nessa época, Agostinho já se destacava entre os demais alunos em função de sua inteligência brilhante, sua sagacidade e firmeza de opiniões, que impressionava o corpo docente e demais colegas. Ali, Agostinho estudou música, física, matemática e filosofia. Em 371, transferiu-se para Cartago, uma antiga cidade originariamente colônia no norte da África e passou a seguir a doutrina maniqueísta. Nessa fase de sua vida, Agostinho possuía uma visão de mundo onde apenas contemplava o bem e o mal, ou seja, de uma forma bastante simplista e ainda muito distante daquilo que, mais tarde, iria projetá-lo mundialmente como figura cujos pensamentos encantam por sua profundidade, alçando-o a um tipo de visão sobre conceitos como 'vida e morte' que, mesmo atualmente, ainda muitos são incapazes de compreender com exatidão. Foi em Cartago que ele iniciou os estudos de retórica. Lá, ele conheceu Cícero, que se tornou seu maior mentor filosófico.

Ao se tornar professor em 376, com 22 anos de idade, Agostinho começou a se decepcionar com as incoerências do maniqueísmo e aproximou-se do ceticismo. Alguns anos depois, ele escreveu seu primeiro livro, *Do belo e do capaz*.

## 2. Desenvolvimento

Ceticismo é a doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do

real. Segundo Antônio Gasparetto Junior<sup>1</sup>, “O ceticismo é a doutrina do constante questionamento. O termo Ceticismo é de origem grega e significa exame, seu fundador foi Pirro, no século IV a.C.. Como corrente doutrinária, o ceticismo argumenta que não é possível afirmar sobre a verdade absoluta de nada, é preciso estar em constante questionamento, sobretudo, em relação aos fenômenos metafísicos, religiosos e dogmáticos. Com o passar do tempo, o Ceticismo se dividiu em duas linhas, o filosófico e o científico.

O Ceticismo Filosófico é exatamente esse que começa com a escola de Pirro e que se expandiu pela chamada “Nova Academia” que ampliou as perspectivas teóricas, refutando verdades absolutas e mentiras. Seus seguidores alegavam a impossibilidade de alcançar o total conhecimento e adotaram métodos empíricos para afirmar seus conhecimentos. Assim, o Ceticismo Filosófico se dedicou a examinar criticamente o conhecimento e a percepção sobre a verdade.

Entre os cétricos há os chamados enganadores que se dedicam ao combate contra o charlatanismo, expondo suas práticas falsas e não-científicas. Os religiosos afetados por esses indivíduos, quando chamados a provar suas convicções, preferem atingir pessoalmente os cétricos e não discutir suas práticas. Por outro lado, há também o pseudo-ceticismo, que, ao invés de manter o perfil de questionamento, parte logo para a negação. Assim, o Ceticismo pode levar a um ciclo vicioso e tornar seu praticante em um fanático tecnológico.

Em Catargo, Agostinho encontrou uma amante, que lhe deu um filho, a quem deram o nome de “Adeodatus” (dado por Deus). Embora Agostinho jamais tenha revelado o nome de sua amada afirmou, em diversas ocasiões, que sempre foi fiel a ela.

Em 384, Agostinho deixou Catargo para ensinar retórica em Roma. Depois de um ano, mudou-se para Milão, onde assumiu um cargo de professor a pedido do novo prefeito da cidade.

Em Milão, ele conheceu Ambrósio, que era então bispo de Milão. Agostinho começou a ouvir os sermões de Ambrósio na catedral milanesa. Ambrósio tornou-se mentor de Agostinho, que encontrou finalmente um bispo intelectual à sua altura. Como cita MATTHEWS, Gareth B.:

“Comecei a gostar dele, a princípio não como mestre da Verdade – pois jamais esperara encontrá-la na vossa Igreja -, mas como um ser humano benevolente comigo. Costumava ouvi-lo com entusiasmo quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que para sondar sua eloquência oratória para ver se merecia a fama que gozava ou se realmente se enxergava ou diminuía a fluência de que tanto se falava. Eu ficava suspenso de suas palavras com sua dicção, mas indiferente e escamecendo até do assunto que ele estava expondo. O meu prazer concentrava-se na suavidade e no encanto de sua linguagem.”

Em 386, Agostinho procurou Ambrósio, em busca de uma colocação oficial como professor. Ao invés disso, encontrou respostas para algumas de suas dúvidas pessoais.

Depois de sua busca incessante pela verdade, ele finalmente se rendeu à coerência da mensagem de Jesus Cristo. Agostinho encontrou em Jesus o que não havia encontrado em nenhuma outra filosofia, em nenhum outro mestre. Assim, ele e seu filho Adeodato, então com 15 anos, foram batizados em Milão na Vigília de Páscoa, por Santo Ambrósio. Em *Confissões* (2012, pág. 242), Agostinho diz que:

“De tal forma me convertestes a ti, que já não procurava esposa, nem abrigava esperança alguma deste mundo, estando já naquela ‘regra de fé’ sobre a qual há tantos anos me havias mostrado à minha mãe. E assim convertestes seu pranto em alegria, muito mais fecundada do que havia desejado, e muito mais cara e pura do que a que podia esperar dos netos nascidos de minha carne. Naqueles dias eu não me fartava de considerar a profundidade de teus desígnios para a salvação do gênero humano, pela doçura admirável que sentia. Quanto chorei ao ouvir, profundamente comovido, teus hinos e cânticos, que ressoavam suavemente em tua

---

<sup>1</sup>Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: petamoura6@gmail.com Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Humberto Araujo Quaglio de Souza.

<sup>2</sup>Mestrado em História (UFJF, 2013), *Graduação em História* (UFJF, 2010) <https://www.infoescola.com/filosofia/ceticismo/>

Igreja! Penetravam aquelas vozes em meus ouvidos, e destilavam a verdade em meu coração. Acendia-se em mim um afeto piedoso, corriam-me lágrimas dos olhos e me fazia bem chorar”.

A partir de então ele se dedicou a escrever contra o maniqueísmo.

O site *Estudante de Filosofia*<sup>3</sup> traz as seguintes considerações sobre o maniqueísmo:

Considerado durante muito tempo uma heresia cristã, possivelmente por sua influência sobre algumas delas, o maniqueísmo foi uma religião que, pela coerência da doutrina e a rigidez das instituições, manteve firme unidade e identidade ao longo de sua história.

Denomina-se maniqueísmo a doutrina religiosa pregada por Maniqueu - também chamado Mani ou Manes - na Pérsia, no século III da era cristã. Sua principal característica é a concepção dualista do mundo como fusão de espírito e matéria, que representam respectivamente o bem e o mal.

Maniqueu nasceu em 14 de abril do ano 216, no sul da Babilônia, região atualmente situada no Iraque e, na juventude, sentiu-se chamado por um anjo para pregar uma nova religião. Pregou na Índia e em todo o império persa, sob a proteção do soberano Sassânida Sapor (Shapur) I. Durante o reinado de Bahram I. Porém, foi perseguido pelos sacerdotes do zoroastrismo e morreu em cativeiro entre os anos 274 e 277, na cidade de Gundeshapur.

Maniqueu se acreditava o último de uma longa sucessão de profetas, que começara com Adão e incluía Buda, Zoroastro e Jesus, e portador de uma mensagem universal destinada a substituir todas as religiões. Para garantir a unidade de sua doutrina, registrou-a por escrito e deu-lhe forma canônica. Pretendia fundar uma religião ecumênica e universal, que integrasse as verdades parciais de todas as revelações anteriores, especialmente as do zoroastrismo, budismo e cristianismo.

O maniqueísmo é fundamentalmente um tipo de gnosticismo, filosofia dualista segundo a qual a salvação depende do conhecimento (gnose) da verdade espiritual. Como todas as formas de gnosticismo, ensina que a vida terrena é dolorosa e radicalmente perversa. A iluminação interior, ou gnose, revela que a alma, a qual participa da natureza de Deus, desceu ao mundo maligno da matéria e deve ser salva pelo espírito e pela inteligência.

O conhecimento salvador da verdadeira natureza e do destino da humanidade, de Deus e do universo é expresso no maniqueísmo por uma mitologia segundo a qual a alma, enredada pela matéria maligna, se liberta pelo espírito. O mito se desdobra em três estágios: o passado, quando estavam radicalmente separadas as duas substâncias, que são espírito e matéria, bem e mal, luz e trevas; um período intermediário (que corresponde ao presente) no qual as duas substâncias se misturam; e um período futuro no qual a dualidade original se restabeleceria. Na morte, a alma do homem que houvesse superado a matéria iria para o paraíso, e a do que continuasse ligado à matéria pelos pecados da carne seria condenada a renascer em novos corpos.

A ética maniqueísta justifica a gradação hierárquica da comunidade religiosa, uma vez que varia o grau de compreensão da verdade entre os homens, fato inerente à fase de interpenetração entre luz e trevas. Distinguiam-se os eleitos, ou perfeitos, que levavam vida ascética em conformidade com os mais estritos princípios da doutrina. Os demais fiéis, chamados ouvintes, contribuíam com trabalho e doações. Por rejeitar tudo o que era material, o maniqueísmo não admitia nenhum tipo de rito nem símbolos materiais externos. Os elementos essenciais do culto eram o conhecimento, o jejum, a oração, a confissão, os hinos espirituais e a esmola.

Por sua própria concepção da luta entre o bem e o mal e sua vocação universalista, o maniqueísmo dedicou-se a intensa atividade missionária. Como religião organizada, expandiu-se rapidamente pelo Império Romano. Do Egito, disseminou-se pelo norte da África, onde atraiu um jovem pagão que mais tarde, convertido ao cristianismo, seria doutor da igreja cristã e inimigo ferrenho da doutrina maniqueísta: Santo Agostinho. No início do século IV, já havia chegado a Roma.

Enquanto Maniqueu estava vivo, o maniqueísmo se expandiu para as províncias ocidentais do império persa. Na Pérsia, apesar da intensa perseguição, a comunidade maniqueísta se manteve coesa até a repressão dos muçulmanos, no século X, que levou à transferência da sede do culto para Samarcanda. Missionários maniqueístas chegaram no fim do século VII à China, onde foram reconhecidos oficialmente até o século IX. Depois foram perseguidos, mas persistiram comunidades de adeptos no país até o século XIV. No Turquestão oriental, o maniqueísmo foi reconhecido como religião oficial durante o reino Uighur - séculos VIII e IX - e perdurou até a invasão dos mongóis, no século XIII.

---

<sup>3</sup> <http://www.estudantedefilosofia.com.br/doutrinas/maniqueismo.php>

Embora não haja dados que permitam estabelecer uma vinculação histórica direta, o pensamento maniqueísta inspirou, na Europa medieval, diversas seitas ou heresias dualistas surgidas no seio do cristianismo. Entre elas, cabe citar a dos bogomilos, na Bulgária (século X) e, sobretudo, a dos cátaros ou albigenses, que se propagou no sul da França no século XII. Este último movimento foi uma das mais poderosas heresias da Europa, sufocada de modo sangrento no início do século seguinte.

No livro *Confissões* (2012, pág. 116), ao descrever a morte de seu amigo, Agostinho diz:

“Sendo meu amigo atacado de febre, ficou por muito tempo sem sentidos, banhado no suor da morte, e como temessem por sua vida, batizaram-no sem que ele o soubesse, com o que não me importei, persuadido de que seu espírito guardaria melhor os sentimentos que eu lhe havia inculcado do que o sinal que recebera no corpo inconsciente.”

Durante tal cena, visto que Agostinho ainda não havia sido batizado, ele demonstra uma apatia à situação em que o amigo se encontrava. Ele, então cético, não entendia por que o batismo deveria ser feito, pois em nada ajudaria. Ele diz, em *Confissões* (2012, pág. 116):

“Tentei-me rir em sua presença do batismo, julgando que também ele zombaria comigo de um batismo recebido sem conhecimento nem sentido, mas ele já sabia que o havia recebido. Olhando-me então com horror, como a um inimigo, admoestou-me com admirável e repentina franqueza, dizendo-me que se queria continuar a ser seu amigo deixasse de dizer tais coisas.”

Depois da morte de seu amigo, Agostinho encontrou-se em uma enorme tristeza e agonia. Dizia em *Confissões* (2012, pág. 117) que “Só o pranto me era doce, e ocupava o lugar de meu amigo nas delícias de meu coração.”

Visto que seu amigo faleceu antes dele se converter ao catolicismo, Agostinho começou a se questionar sobre a morte, sobre a existência de Deus, sobre o que aconteceria com a alma após a morte e se haveria vida após essa passagem.

Mas o destino reservava a Agostinho tristezas ainda mais atroz, que iriam lhe ferir a alma e colaborar definitivamente para as mudanças em sua forma de pensar e ver a vida. Para sua tristeza, seu filho Adeodato morreu prematuramente. Os livros de história não especificam nenhuma data para tal tragédia, no entanto estima-se que o rapaz tinha entre 17 e 18 anos.

No livro *Confissões* (2012, pág. 267), ao descrever a morte de sua mãe, ele diz: “A morte de minha mãe nada tinha de triste, e ela não morria por completo, e disto estávamos certos pelo testemunho de seus costumes, por sua fé não fingida e outras razões irrefutáveis.”

Anos depois de ter dito que sua mãe não havia morrido por completo, Agostinho contou que ela se manteve sempre presente em seus sonhos e seus pensamentos.

“Que era então o que tanto me fazia sofrer interiormente, senão a ferida recente que me havia causado o rompimento repentino de nosso dulcíssimo e caríssimo costume de viver juntos?”, disse ele em *Confissões* (2012, pág. 267). Essa citação nos leva a refletir sobre a questão da morte, já tendo como referência os princípios espíritas sobre tal questão. Se ele mesmo já havia dito que ela não havia morrido, se ele ainda tinha contato espiritual com ela, porque ele sentia tanta dor, tanta angústia? Agostinho começou a se questionar cada vez mais sobre a vida após a morte e sobre o cuidado devido aos mortos.

Após a morte de três pessoas tão importantes, Agostinho aprofundou seus estudos na Igreja: ele buscava respostas para suas dores e incertezas.

No texto *Cuidado devido aos mortos* (2002), Agostinho nos mostra como começou a questionar a morte. “A principal questão proposta, se os mortos tiram algum proveito espiritual de serem inumados junto ao túmulo de mártir, Agostinho começa por analisar a crença pagã do infortúnio dos corpos sepultados.” (*Cuidado devido aos mortos*, 2002, pág. 143). Sobre o dever de honrar os mortos, ele discute a função dos funerais e o próprio cuidado com os mortos. Ele cita que “os funerais, por edificantes que sejam, são antes o consolo para os vivos do que socorro para os mortos”. (*Cuidado devido aos mortos*, 2002, pág. 143).

Para Santo Agostinho, os funerais não são necessários para a salvação dos defuntos, mas não deixa de ser um dever cristão e seria injusto não conservar tais obras. “Quando sepultamos um ente querido”, Santo Agostinho afirmava (*Cuidado devido aos mortos*, 2002, pág. 143) que: “a sepultura em lugar santo é útil para vivificar a piedade dos fiéis, mas não é necessária para a oração eficaz.”

Os sacrifícios e orações oferecidas aos mortos possuem grande valor aos olhos da igreja, pois fortificam a fé dos cristãos.

Os sonhos com os mortos, seriam aparições dos vivos para se comunicarem ou pedir-lhes socorro? Agostinho acreditava que eram anjos e não espíritos dos mortos. Ele afirmava que sua mãe havia aparecido diversas vezes em seus sonhos, após morrer. Dizia que ela aparecia frequentemente, assim como fizera tantas vezes em vida. Em *Cuidado devido aos mortos* (2002, pág.149), ele disse que:

“Santo Agostinho, nessa última década de sua existência, revela ainda admiravelmente seu coração transbordante de caridade, pronto a prestar os mais humildes serviços a seus irmãos, respondendo, sem cansar, a todos os pedidos. Faz-se tudo para todos, apenas de seus desejos de sossego para contar com maior tempo dedicado à oração e aos estudos. Seu único empenho é ser útil, sem nenhuma ambição pessoal. Dá testemunho admirável de fidelidade ao serviço de Deus e da Igreja, cujo ensino é sempre, para ele, a regra inviolável.”

A morte para o espiritismo não é o fim, e sim, o começo de uma outra etapa evolutiva. A vida no corpo físico é vista como um aprendizado para o espírito.

Em 1863, em mensagem recebida em Paris, Erasto, discípulo de Paulo de Tarso, afirmou que Santo Agostinho seria um dos maiores divulgadores da doutrina espírita. Essa condição denota o seu entusiasmo e amor pelo Espiritismo.

Atualmente, o foco da atenção dos estudos agostinianos é a preocupação com a alma. Agostinho foi o primeiro a estudar a alma, a ponto de muitos o considerarem o precursor de Freud, que viveria cerca de 16 séculos depois. Foi ele o primeiro a discernir no fundo do nosso ser as forças obscuras que, fora da consciência clara e do livre exercício da vontade, podem determinar nosso comportamento, o que Freud chamou de inconsciente. A psicologia de Agostinho é introspectiva quando ele afirmava que o fundamento da alma é sua contínua autoconsciência.

Na doutrina espírita, diz-se se vivemos atualmente em um mundo de provas e expiações. No livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1984, pág. 62), Allan Kardec afirma; “Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibas, pois basta observeis o em que habitais?”.

Através do mecanismo mediúnico da psicografia, diversos médiuns que auxiliaram Allan Kardec na codificação do pentateuco (os cinco livros que compõem a base da Doutrina espírita<sup>3</sup>), trouxeram textos atribuídos à autoria de Santo Agostinho. Descrevemos abaixo alguns deles e explanamos como sua visão, construída durante as experiências da vida no mundo físico, colaboraram para a continuação de sua obra depois de sua morte:

“Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida.”

“A Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como carácter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à Lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1862).”

“Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele há chegado a um dos períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a Lei de Deus.” - *Santo Agostinho* (Paris, 1862)”.

---

<sup>3</sup> O Livro dos Espíritos (1857); O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), Céu e Inferno (1865) e A Gênese (1868). Citações em O Livro dos Espíritos, pág. 63 e 65.

O espiritismo fala sobre os mundos regeneradores que servem de transição entre os mundos de expiações e os mundos felizes. Em tais mundos:

“O homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida.”

Em um de seus textos psicografados, Santo Agostinho afirmava que, nesses mundos regeneradores, o homem ainda é falível e o espírito do mal não há se perdido.

“Há muitas moradas na casa de meu Pai e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam. Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio após a expiação na Terra. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1862.)”

*O Evangelho Segundo o Espiritismo*(1984) mostra que o homem, só reconhece o poder de Deus, quando ele cura! Só reconhece seu amor, quando somos beneficiados pelas suas glórias!

“Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Houvésseis de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso, a par da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Buscai consolações para os vossos males no porvir que Deus vos prepara e procurai-lhe a causa no passado.”

“O Senhor apôs o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo que, enquanto ele se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor. Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1863.)”

O que Santo Agostinho tem a ver com o espiritismo? A doutrina espírita defende que, ao pensar em um ente desencarnado, esses pensamentos devem ser de amor e carinho, deve-se lembrar de momentos bons e especiais. Agostinho nos mostrou que o funeral é um momento não do desencarnado, e sim, um momento para que os familiares e amigos possam se despedir de tal pessoa. Pra que serviriam os cemitérios? Porque as pessoas visitam túmulos, e deixam flores aos entes queridos que já não se encontram no mundo em que estamos? Nada mais é que uma forma de confortar o coração dos que aqui ficaram. No texto *Cuidado devido aos mortos*(2002), ele ainda nos diz que “A sepultura em lugar santo é útil para vivificar a piedade dos fiéis, mas não é necessária para a oração eficaz.” *Cuidado devido aos mortos*(2002, pág. 143).



Colocamos a sepultura como um lugar necessário para nos conectarmos com os mortos, porém, não é algo necessário. Pois uma oração ao ente querido, não só é eficaz se feita aos pés do túmulo. Uma boa lembrança já é uma oração carinhosa aos nossos amigos.

Santo Agostinho, ao falar sobre o tempo, dizia que o tempo em si não existe. Pois o presente é formado de horas passadas e horas futuras, assim com o passado e o futuro, e que o que nos resta, são as memórias. As memórias que deixamos aos que ficam na terra. Logo, devemos fazer de tudo para deixarmos memórias boas para os que já esbarraram nosso caminho.

Em 28 de agosto de 430, aos 75 anos, morre o teólogo Santo Agostinho, na colônia romana de Hipona, no norte da África. Morreu rezando os Salmos Penitenciais que havia mandado copiar e colocar à sua vista na parede de seu quarto.

Logo após a Introdução de *O Livro dos Espíritos*, escrita por Allan Kardec, encontramos nos Prolegômenos as indicações de que este trabalho tem fundamentos sólidos em pensamentos não apenas espíritas (ou espiritualistas), mas traduz a evolução da filosofia como ciência que busca fundamentalmente o sentido da vida – ou, no caso específico deste trabalho dedicado à Santo Agostinho, da morte. A visão espírita da morte nasceu em Santo Agostinho assim como muitas outras predições a respeito da sobrevivência da alma ao corpo (base do espiritismo), foram semeadas muito antes do advento da codificação da Doutrina Espírita.

Antes de Agostinho, foi Platão quem defendeu que a alma habitava um corpo. Dizia: “O homem é uma alma racional habitando um corpo mortal”. Como eminente pensador, Santo Agostinho lançou mão do uso da filosofia a serviço da teologia, moldando as ideias platônicas de acordo com a sua visão de mundo.

As ideias platônicas, no entanto, foram reinterpretadas por Santo Agostinho, pois que ele as conciliava com os dogmas do cristianismo, convencido de que a verdade entrevista por Platão era a mesma que se manifestava plenamente na revelação cristã.

Agostinho deu uma nova explicação para a criação do mundo, pois apresentava uma nova teoria a respeito da morte. Ele afirmava, como Platão, que Deus cria as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as ideias divinas. Essas ideias- ou razões - não existem em um mundo à parte, mas na própria mente ou sabedoria divina, conforme o testemunho da Bíblia. (Rezende, 1996, p. 77 e 78).

Através dessas ideias, Santo Agostinho deixou a indicação do caminho para a sua solução – o problema das relações entre a Razão e Fé, que seria o problema fundamental da escolástica medieval. Ao mesmo tempo demonstrava claramente sua vocação filosófica na medida em que, ao lado da fé na revelação, deseja ardentemente penetrar e compreender com a razão o conteúdo da mesma. Defrontou-se com um severo obstáculo no caminho da verdade: a dúvida cética, largamente explorada pelos acadêmicos. Como a superação dessa dúvida, como pudemos explanar no início deste trabalho, foi estabelecida condição fundamental para o estabelecimento de bases sólidas para o conhecimento racional.

Citando *O Livro dos Espíritos*, o espírito Erasto afirma que Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do Espiritismo; ele se manifesta quase que por toda parte. Como muitos, ele também foi arrancado do paganismo; pois em seus excessos, sentiu o alerta dos Espíritos superiores: a felicidade se encontra alhures e não nos prazeres imediatos. Hoje, vendo chegada a hora para a divulgação da verdade que ele havia pressentido outrora, se fez dela o ardente propagador, e se multiplica, por assim dizer, para responder a todos aqueles que o chamam. (Kardec, 1984, cap. 1, item 11, pág. 41)

Gostaríamos de concluir este trabalho citando Allan Kardec, que ressaltava a mudança na concepção sobre a morte em Santo Agostinho ainda durante sua encarnação. “Santo Agostinho veio destruir aquilo que edificou? Não. Ele agora vê com os olhos do espírito; sua alma liberta da matéria entrevê novos horizontes, que lhe propiciam compreender o que não compreendia antes. Sobre a Terra, julgava as coisas segundo os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz se fez para ele, pode julgá-las mais judiciosamente. “Foi assim que mudou de ideia sobre sua crença concernente aos Espíritos incubos e súcubos e sobre o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas”. Com uma nova luz pode, sem renegar a sua fé, fazer-se propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento das coisas preditas. Proclamando-o, hoje, não faz senão nos conduzir a uma interpretação mais sã e mais lógica dos textos. (Kardec, 1984, cap. 1, pág. 42)

### 3. CONCLUSÃO

Muitos foram os pensadores e filósofos que contribuíram, cada qual ao seu modo, com a fertilização das mentes para que a doutrina espírita fosse recebida por Allan Kardec no século XIX. Uma das maiores influências no que tange à compreensão da morte sob a visão do espiritismo veio da vida de Santo Agostinho.

Acreditamos que Agostinho, mesmo cético, mesmo sem entender aquele código tão rigoroso de atitudes apregoadas por sua amada mãe – a religião, mesmo sem concordar com a maioria dos preceitos religiosos de sua época, praticou o amor. Ele amou sua mãe, seu irmão, seu melhor amigo, seu filho e, mais tarde, expandiu seu amor incondicional a todos com quem encontrou em seu caminho.

A transformação da vida de Agostinho teve início quando ele entrou em contato com a face da morte, no advento do desencarne de sua mãe. Quando, nessa ocasião, Agostinho se batizou, teve início uma transformação interna, que resultou em questionamentos que o levaram a estudar e compreender a morte como uma extensão da vida, uma mudança de estado da própria vida. Acreditamos que em seu espírito imortal, Santo Agostinho trazia já essa compreensão ainda em potência e que as experiências de sua encarnação despertaram sua consciência para aquela realidade.

Ele dizia que sua mãe, Mônica, mesmo depois de morrer sempre esteve presente em seus sonhos: o contato dos espíritos desencarnados com os encarnados através do desdobramento do sono físico é uma realidade muito natural dentro da doutrina espírita, pois que o espiritismo determina que a vida é uma só, dividida em diversas encarnações através das quais o espírito imortal se aprimora em busca da perfeição, predeterminada em sua criação por Deus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona, **Confissões**. Tradução de Frederico Ozamam Pessoa de Barros, introdução Pe. Riolando Azzi, S.D.B. – (Ed. Especial), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.

AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona, **Patrística – A verdadeira Religião / O cuidado devido aos mortos**. Edição 1ª. Editora PAULUS, 2002.

RAEPPER, W. e SMITH, L. **Introdução ao Estudo das Ideias: Religião e Filosofia no Presente e no Passado**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1997.

REZENDE, A. (Org.). **Curso de Filosofia: para Professores e Alunos dos Cursos de Segundo Grau e de Graduação**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 39. Ed. São Paulo: IDE, 1984.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. 4ª Edição. Brasília: FEB, 2016.

MATTHEWS, Gareth B. **Santo Agostinho, A vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

Disponível em: <<http://ceticismo.net/ceticismo/o-ceticismo/>>

Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/ceticismo.html>>

Disponível em: <<http://www.estudantedefilosofia.com.br/doutrinas/maniqueismo.php>>